

SUBVERTENDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA DE CONTOS E CRÔNICAS EM UMA TURMA DE 7º ANO

SUBVERTING MOTHER TONGUE TEACHING: AN EXPERIENCE OF LITERARY READING AND WRITING OF STORIES AND CHRONICLES IN A 7TH GRADE CLASS

Franklin Yago de Souza Hipolito 

Daniela de Oliveira Almeida 

Luanna Souza Caires Zambom 

Nilsa Brito Ribeiro 

RESUMO

As competências de leitura e de escrita são dois dos maiores desafios enfrentados pelos professores de língua materna. Isso se deve, em grande medida, a uma abordagem da leitura literária, em sala de aula, por meio de recortes para se estudar a gramática normativa, comprometendo, assim, tanto a aprendizagem e o domínio das regras gramaticais, quanto a formação leitora dos alunos. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de um projeto de leitura e escrita de contos e crônicas em uma turma de 7º ano de uma escola pública de Marabá/PA. A metodologia aqui adotada foi de abordagem qualitativa. Nosso aporte teórico conta com as discussões de Antunes (2003, 2009), Koch (1997, 2012, 2022), Simon (2011), Terra; Pacheco (2019), entre outros. Os resultados indicam que, quando abordada de forma eficaz, a leitura literária possibilita momentos de fruição, muitas reflexões e debates, além de reverberar positivamente na escrita dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Materna. Formação de leitores. Conto. Crônica.

ABSTRACT

Reading and writing skills are two of the biggest challenges faced by mother tongue teachers. This is due, to a large extent, to an approach to literary reading, in the classroom, through clippings to study grammar, thus compromising both the learning and mastery of grammatical rules, as well as the students' reading training. In view of this, the present work aims to report the experience of a project of reading and (re)writing short stories and chronicles in a 7th year class at a public school in Marabá/PA. The methodology adopted here was a qualitative approach. Our theoretical support includes discussions by Antunes (2003, 2009), Koch (1997,2012,2022), Simon (2011), Terra; Pacheco (2019), among others. The results indicate that, when approached effectively, literary reading allows moments of enjoyment, many reflections and debates, in addition to having a positive impact on students' writing.

KEYWORDS: Teaching Mother Tongue. Reader training. Tale. Chronicle.

INTRODUÇÃO

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos oportunidades de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (Bell Hooks)¹.

No que tange ao ensino de língua materna, no Brasil, é quase unânime, entre os pesquisadores da área, o apontamento de que há falhas na abordagem da leitura literária no ensino básico, uma vez que esta é utilizada, em grande medida, por meio de recortes para se trabalhar a gramática normativa. Antunes (2009) afirma que esse tipo de ensino, de forma descontextualizada, “[...] tem transformado em privilégio de poucos o que é um direito de todos; a saber, o acesso à leitura e a competência em escrita de textos” (Antunes, 2009, p. 186).

Sob esse viés, nota-se que, ao não abordar a leitura literária de forma isolada da gramática, priorizando esta em detrimento daquela, o(a) professor(a) de língua materna não consegue nem formar leitores letrados, nem tampouco fazer com que os alunos desenvolvam a competência de escrita, o que faz com que sua formação seja muito prejudicada, uma vez que ler e escrever bem são condições fundamentais para viver em sociedade e ter acesso a muitas oportunidades, como de emprego e de acessar o ensino superior.

Diante disso, a nossa proposta didática teve como principal objetivo trabalhar com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental anos finais a leitura literária, de modo que esta pudesse instigá-los, despertar curiosidades, suscitar reflexões, possibilitar debates acerca dos temas tratados nas narrativas, além de aproximá-los do mundo vasto e encantador da leitura literária.

Outrossim, buscamos apresentar as características dos gêneros crônica e conto, bem como os seus principais autores, estimular o hábito e o prazer pela leitura e levar os alunos a produzirem seus próprios textos, a fim de que a competência de escrita também pudesse ser aprimorada.

¹ Hooks, 2013, p. 273.

1 O TRABALHO COM A LEITURA E COM A ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

No ambiente escolar, é indispensável que o professor provoque no aluno o hábito da leitura, não só para que ele cresça e se torne um bom leitor, mas também para que adquira conhecimentos sobre a sociedade em que vive e sobre si mesmo, para que construa o pensamento crítico e desenvolva a sua imaginação e sua criatividade. Assim, essa prática deve começar desde cedo dentro da sala de aula.

Ademais, é preciso que não só o professor, mas também a comunidade escolar busquem formas criativas para introduzir a leitura no ambiente escolar, por meio da criação de projetos de leitura, bem como de atividades mais simples, como, por exemplo, rodas de leitura, contação de histórias, leituras compartilhadas, produção de textos que envolvam a imaginação dos alunos, individual ou coletivamente, assim incentivando, também, a escrita.

É importante frisar que, para que os alunos façam uma boa leitura e criem interesse em fazer novas leituras, eles devem aprender a atribuir significado ao texto, indo além da decodificação das palavras, para, assim, compreender o objetivo e a função do texto. A esse respeito, Koch; Elias (2012) asseveram que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu comportamento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre linguagem e etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (Koch; Elias, 2012, p. 12).

Desse modo, percebe-se que a leitura é de fundamental importância na vida de todo e qualquer cidadão, e reitera-se que, no ensino de língua materna, a leitura não deve ser tratada como pretexto para se estudar a gramática normativa, sob risco de não conseguir despertar o gosto e o prazer dos alunos pelo texto literário. Outrossim, vale frisar que:

[...] para a maioria dos estudantes, a única forma de entrar em contato com o texto literário é por meio da escola. Se ela não possibilitar ao aluno o contato com a literatura, muito provavelmente ele carregará para o resto da vida esse déficit. Ressalte-se que, quando se fala em literatura, não se está referindo à alta literatura

necessariamente, pois a formação do leitor literário se inicia por obras de caráter mais popular que muitos designam por paraliteratura (Terra; Pacheco, 2019, p. 39).

Acerca dessa abordagem da leitura na escola, Antunes (2003) observa que ainda há uma atividade que prioriza as habilidades mecânicas de decodificação da escrita. Além disso, percebe-se “[...] uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente” (Antunes, 2003, p. 27).

Semelhantemente, quando se fala no trabalho com a escrita, ainda há muitos desafios a serem superados, uma vez que muitos alunos chegam ao ensino médio e até ao ensino superior sem dominar essa competência tão importante para a sua vida em sociedade.

Percebe-se que muito disso se deve ao foco que se dá, nas aulas de Língua Portuguesa, ao ensino gramatical, ensino esse muitas vezes mecânico, com exemplos soltos, sem nenhuma relação com a vida e com as interações sociais dos educandos. E isso faz com que se cristalice a ideia de que escrever mal é apenas escrever com desvios ortográficos. Ou seja, cria-se uma visão limitada do que de fato é o ato de escrever. Acerca desse trabalho ineficaz com a escrita, comungamos de Antunes (2003) ao percebermos:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias de sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer. Além do mais, esses exercícios de formar frases soltas afastam os alunos daquilo que eles fazem, naturalmente, quando interagem com os outros, que é “construir peças inteiras”, ou seja, textos, com unidade, com começo, meio e fim, para expressar sentidos e intenções (Antunes, 2003, p. 26).

Nessa perspectiva, cabe ao professor de língua materna o papel de utilizar a leitura literária, a exemplo dos contos e crônicas, não apenas nas aulas de gramática, mas, principalmente, em momentos específicos de leitura, nos quais os alunos possam ter a experiência de deleite e fruição que a leitura literária proporciona, além de refletir sobre os aspectos sociais que por ela perpassam.

Além disso, levando em consideração que a leitura, nas condições certas, reverbera na escrita dos educandos, percebe-se que ao fugir do ensino tradicional, mecânico e ineficaz, no qual o foco é só a gramática, o professor poderá formar

leitores letrados, conscientes de sua realidade social, que percebam o valor e a importância do hábito da leitura em suas vidas e que dominem, efetivamente, a competência de escrita.

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM DO CONTO E DA CRÔNICA EM SALA DE AULA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) sugerem que os textos sejam trabalhados com bases nos gêneros, sejam eles orais ou escritos. Nesse sentido, vale destacar que há dois gêneros bem interessantes para se trabalhar com os alunos no ensino fundamental. O primeiro deles é a crônica, especialmente a crônica narrativa, e o segundo é o conto, uma vez que este já está mais próximo da realidade dos educandos, a exemplo dos contos de fadas.

Além disso, vale destacar, ainda, que tanto a crônica quanto o conto podem ser lidos e trabalhados de formas bem criativas nas aulas, pois são textos curtos e, geralmente, de fácil entendimento, visto que, em geral, apresentam um enredo simples, que, comumente, interage com o cotidiano do leitor, fazendo com que ele se identifique e se prenda à leitura.

A crônica é um gênero muito eficiente, quando pensamos em textos que atraem o leitor, principalmente em se tratando de crianças leitoras, além de ser um texto curto, que, geralmente, possui um desfecho que trabalha o processo de reflexão e de crítica social, ensinando algo sobre o meio em que vivemos, por exemplo.

Os alunos, ao realizarem alguma atividade relacionada ao referido gênero, seja a leitura ou, até mesmo, a produção de uma crônica, poderão ser capazes de refletir e se questionar sobre si mesmos, sobre a vida, sobre o cotidiano, sobre as relações humanas, além das problemáticas sociais que fazem parte de suas vidas ou daqueles com os quais se relacionam.

O trabalho com a crônica nos diversos níveis do ensino (fundamental, médio e superior) é algo que não deve ser descartado. O fato de ser a crônica um texto curto já constitui um triunfo para diversas situações pedagógicas em que o professor não dispõe de tempo para recorrer a textos mais longos. Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são muito variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas (Simon, 2011, p. 54).

O gênero conto, assim como a crônica, é um texto que pode ser muito bem utilizado em sala de aula, para que os alunos comecem a se interessar pela leitura. Nesse sentido, de acordo com Terra; Pacheco (2019, p. 39):

O conto revela-se bastante adequado em virtude da sua curta extensão. Por ser uma narrativa condensada, é possível ler um texto integral em pouco tempo, o que se pode fazer na própria sala de aula, sobrando tempo para discussão sobre o que foi lido e fazer relações com outros textos, inclusive de outras semióticas, compartilhando experiências de leitura. Além disso, o conto é um gênero que apresenta diferentes categorias (policial, de mistério, de terror, fantástico, maravilhoso etc.), cobrindo um leque de temas muito amplo e acessível a leitores de todos os gostos e idades.

Os autores argumentam ainda que o trabalho com o conto permite o contato com produções de diferentes épocas, autores, temas e estilos, além de propiciar a transposição para outras semióticas, como a apresentação do conto em forma de representação teatral, “que pode ser gravada em vídeo e depois compartilhada, ou em forma de novela gráfica para circular entre os estudantes no, e fora do, espaço escolar” (Terra; Pacheco, 2019, p. 40).

Desse modo, trabalhando a crônica e o conto, o professor poderá conseguir, com facilidade, trabalhar estratégias de ensino e procedimentos metodológicos criativos para que os alunos queiram ler outros textos e, assim, passem a pensar na leitura como algo essencial para a sua vida. Assim, os alunos estarão entrando em contato com o universo literário ainda crianças, o que facilita a possibilidade de crescerem em contato com esse universo, se tornando, quando adultos, leitores assíduos.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O primeiro dia do nosso projeto² serviu para apresentarmos para os alunos a nossa proposta, bem como introduzirmos o assunto que seria trabalhado com eles. Assim, no primeiro momento, fizemos uma aula expositivo-dialogada, buscando saber quais conhecimentos os alunos já tinham acerca do gênero crônica. Depois, começamos a ler algumas crônicas, para que eles já fossem se familiarizando ou relembando de que gênero textual se tratava.

² Deixamos o cronograma completo do projeto na seção de ‘Apêndice’.

Por fim, apresentamos, no quadro, as principais características do gênero crônica, os principais cronistas brasileiros e mencionamos que, embora haja uma variedade de tipos de crônica, nos centraríamos na crônica narrativa.

No segundo dia do projeto, ao iniciarmos a aula, informamos aos alunos que eles teriam que produzir as suas próprias crônicas. De início, eles não ficaram tão entusiasmados, mas, ao esclarecermos que a produção deveria ser feita a partir de suas experiências pessoais, eles consideraram a atividade menos difícil e deram início às produções. Por se tratar de uma atividade não tão simples e rápida, as duas aulas não foram suficientes para que todos os alunos pudessem terminar. Ficou, então, como tarefa para casa a conclusão dos textos.

Para o terceiro dia, a proposta era que os alunos lessem as suas produções, contudo, eles foram unânimes ao dizer que não iriam ler. Esse momento nos deixou em pânico, pois não tínhamos um “plano B”, uma vez que acreditávamos que o “plano A” funcionaria.

Superado o momento de pânico, insistimos para que os alunos realizassem a leitura de suas crônicas, e a maioria deles acabou aceitando. Percebemos que o receio deles se deu porque as histórias que decidiram contar eram muito pessoais, e em algumas até eram narradas situações delicadas, as quais acionariam gatilhos emocionais caso fossem lidas. Tal experiência nos levou a planejar, para a semana seguinte, propostas de atividades que não levassem os alunos a escrever sobre si mesmos, para evitar o que aconteceu na semana anterior.

Na segunda semana do projeto, a nossa proposta foi trabalhar com o gênero textual conto. Sendo assim, logo no primeiro dia, ao darmos início à aula, apresentamos aos alunos o referido gênero, o qual muitos deles já tinham conhecimento prévio, principalmente se tratando de contos de fadas. Contudo, a nossa ideia foi subverter o conceito que eles tinham de conto, então, após apresentarmos as características do gênero, os diferentes tipos e os principais contistas brasileiros, fizemos a leitura do conto “Maria”, da escritora contemporânea Conceição Evaristo. Por se tratar de uma narrativa bastante realista e abordar temas atuais na sociedade brasileira (racismo e violência contra a mulher), os alunos ficaram impactados e sensibilizados com a leitura.

No dia seguinte, logo no início da aula, um aluno veio nos perguntar qual o nome da autora do conto que lemos na aula anterior. Percebemos, com isso, o interesse do estudante pelo conto. Após a recapitulação da aula anterior, a fim de

saber se os alunos haviam compreendido as características do gênero conto, fizemos uma leitura coletiva do conto "A Carteira", de Machado de Assis.

Após a leitura e conversa sobre o enredo da narrativa, passamos uma atividade, na qual os alunos tiveram que reescrever o conto, na condição de narrador observador e onisciente, mas ao invés de observarem a personagem que encontra a carteira, eles observariam a personagem que perde a carteira. Pouco tempo após iniciarem a produção, o sinal tocou, nos lembrando que a aula havia acabado.

No terceiro dia da segunda semana do projeto, logo no início da aula, recolhemos os textos dos alunos para que pudessemos ler em casa. Em seguida, fizemos a leitura coletiva do conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector, mas sem entregar o final da narrativa, pois a proposta da atividade que preparamos era que os alunos criassem um final para a história. Mais uma vez, contudo, não deu tempo de terminar em sala.

Assim, no último dia do projeto, questionamos aos alunos se eles haviam feito a atividade, e a maioria respondeu que "sim". Em seguida, avisamos a eles que esse último dia de aula seria para a socialização das duas produções textuais das aulas anteriores. Sendo assim, foi dado início às leituras, primeiro do conto de Machado e, depois, do final do conto de Clarice. A criatividade dos alunos nos surpreendeu bastante.

Terminadas as leituras, fizemos a leitura do final verdadeiro do conto "Felicidade Clandestina", mas muitos alunos ficaram decepcionados, afirmando que o final criado por eles foi bem melhor. Após esse momento, pedimos que eles nos dessem um *feedback* do projeto, ao que a grande maioria teceu elogios tanto aos textos quanto às aulas como um todo e manifestou tristeza pelo término do projeto. Para finalizar a aula, realizamos, com a participação dos alunos, a produção artesanal de um livro com as crônicas produzidas por eles.

3 ANÁLISE DE DADOS

Como informamos na seção anterior, os alunos produziram uma crônica e reescreveram o final do conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector. Assim, analisaremos, nesta seção, uma crônica e um final de conto produzidos por duas alunas.

Para melhor compreensão, transcreveremos um trecho de cada gênero e, ao final do trabalho, os textos completos estarão em anexo.

Crônica – “Minha vida na roça”

Na minha vida aconteceu tanta coisas que eu nei sei falar quando eu tinha 7 ano eu morrava na roça eu era uma menina tão mais tão feliz que eu ficava correndo dentro do mato eu corria atrás das vacas eu gostava muito de comer frutas mais a pesar disso eu não gostava de andar a, cavalo por que eu sai para procura um Cavalo Para o meu tio e ai Eu sai e depois eu encontre o cavalo e ai eu montei nele ai ele sai correndo e eu não consegui mim segura na corda e ai Eu cai.

Neste pequeno trecho, podemos perceber que a aluna vai narrando acontecimentos de sua vida, e para isso ela se utiliza de muitos marcadores conversacionais, como “ai”, além de se valer de aspectos da oralidade, o que comprova que nessa idade, as crianças ainda confundem muito a fala com a escrita. Koch (1997) evidencia que na fase da aquisição da escrita, é muito comum a interferência da fala na escrita das crianças, o que explica as muitas repetições que aparecem no texto.

Percebe-se ainda que o conto possui uma linguagem informal, outra característica do contexto de coloquialidade da fala, muito comum na infância. Contudo, apesar das dificuldades apresentadas pela aluna, como a ausência de pontuação, a falta de concordância, a repetição de palavras, etc, percebemos que ela apresentou um texto com coesão e coerência, de acordo com o seu nível de ensino.

Nesse sentido, de acordo com Koch (2022, p. 45) podemos conceituar a coesão textual como “[...] o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos.” Já coerência, de acordo com a referida autora, “[...] diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos” (Koch, 2022, p. 52).

Logo, cabe ao professor focar nessas dificuldades apresentadas, nas aulas de gramática, e continuar fomentando o gosto pela leitura, o hábito da escrita e, principalmente, da reescrita de textos, uma vez que é nesse processo que o educando vai adquirindo e aprimorando sua competência de escrita. Passemos, então, a nossa segunda análise.

Reescrita do final do conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector

Quando ouvi isso fiquei em total silêncio a menina zangada foi para o seu quarto, enquanto sua mãe me pediu desculpa, e me perguntou se eu queria entrar, falei que sim, a mãe da menina era muito gentil e muito legal, depois de alguns minutos de silêncio, a menina chegou na sala com o livro na mão, e me deu falando assim: pega se quiser fica com ele; disse ela numa forma bem ingnorante sua mãe ouviu mas estava ocupada lavando a louça, depois de alguns minutos resolvi ir embora, a mãe da menina até pediu p eu espera para o lanche da tarde, mas falei que tinha coisas pra resolver, e voltei alegremente para minha casa com o livro. -> Fim!!!

No trecho acima, podemos notar que a aluna apresenta poucas dificuldades no que diz respeito à pontuação, à concordância, etc. Os pontos e as vírgulas, em sua maioria, estão em seus devidos lugares. E ao final do conto, a aluna encerra o texto com três exclamações, o que corrobora seu domínio dos recursos de escrita. Diante disso, notamos que, para ensinar os alunos a escreverem bem, não basta apenas focar nas regras gramaticais, é preciso ir muito além, como argumenta Antunes (2003):

Elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma destas funções (Antunes, 2003, p. 54).

O ato da escrita, como demonstra a autora supracitada é complexo e envolve várias etapas, as quais devem ser obedecidas, a fim de que os aprendizes produzam bons textos e se constituam como cidadãos que dominam, plenamente, a competência de escrita. Quanto a escrita da estudante, notamos que é coerente e coesa. Já em relação ao final dado à história, percebe-se a criatividade da aluna em dar um final feliz para a personagem que tanto sofreu ao longo do conto.

Para que o texto ficasse ainda melhor, seria importante que um *feedback* da escrita fosse dado à aluna, demonstrando seus erros, explicando como melhorá-los, e apontando também as qualidades de sua escrita. Para finalizar, seria fundamental que a educanda reescrevesse o texto, obedecendo a última etapa apresentada por Antunes (2003).

Portanto, percebe-se que essa educanda tem muito potencial de escrita, e que, se continuar sendo estimulada a ler e a escrever, ao invés de só ter que decorar regras gramaticais, seguirá escrevendo cada vez melhor e, caso queira, tornar-se-á uma escritora profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto que desenvolvemos com os alunos do 7º ano, apesar de ter tido pouco tempo de duração, possibilitou-nos introduzir, para muito além dos elementos estruturais dos gêneros textuais crônica e conto, a relação das histórias e temas abordados nos textos com a vida deles, ou seja, trouxemos para a realidade dos alunos as situações e os contextos socioeconômicos/políticos contidos naquelas narrativas.

Assim, foi possível perceber o interesse e o envolvimento dos educandos com as leituras que eram realizadas em sala de aula. Eles faziam perguntas, teciam comentários, criticando ou elogiando determinada personagem, demonstravam empatia por outra e sempre se prontificavam para participar dos momentos de leitura coletiva.

Desse modo, os estudantes foram nos surpreendendo a cada aula, seja no envolvimento com as leituras, seja com as produções textuais ou, até mesmo, nos momentos de aulas expositivo-dialogadas.

Portanto, percebe-se que, quando a abordagem da leitura literária é feita de forma diferente da que tradicionalmente é realizada, em sala de aula, ou seja, superficialmente, analisando apenas a estrutura ou por meio de recortes para se estudar a gramática normativa, é possível despertar o interesse e conseguir a atenção dos aprendizes, contribuindo, assim, para que estes se tornem leitores críticos, conscientes, sensíveis às alteridades, e que dominam, plenamente, a competência de escrita.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. Parábola, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOOKS, Bell et al. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOCH, I. G. V. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 30, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639269>. Acesso em: 31 de out. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. Ed., São Paulo: Contexto, 2022.

SIMON, Luiz Carlos. **Dois ou três páginas despreziosas:** a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: Eduel, 2011.

TERRA, Ernani; PACHECO, Jessyca. O conto na sala de aula. **Revista Metalinguagens**, v. 5, n. 2, p. 33-45, jul. 2019. Disponível em: <https://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/download/455/406>. Acesso em: 31 de out. 2023.

APÊNDICE

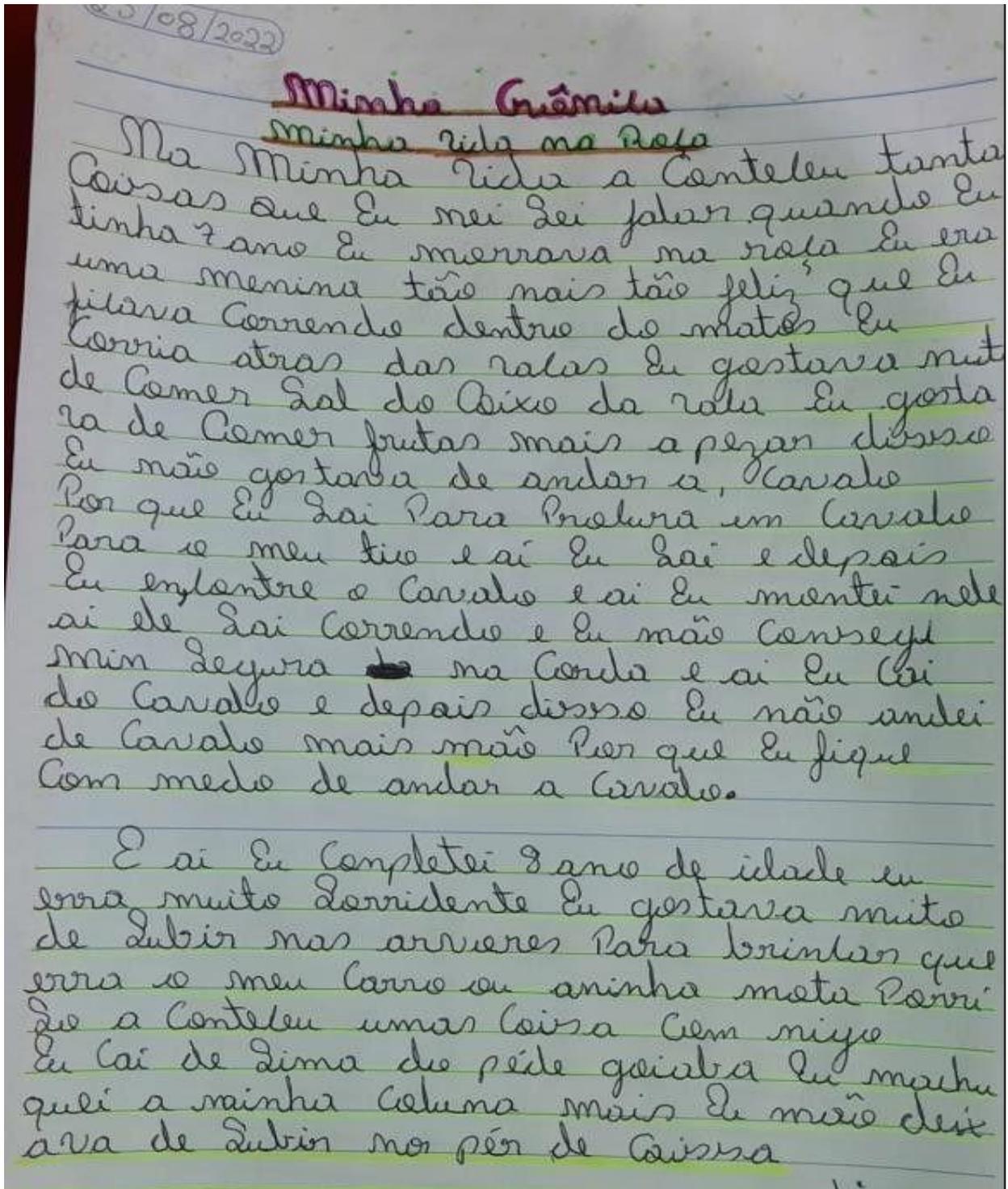
Cronograma de atividades

Data	Atividades	Descrição	C.H
22/08/22	Contato com o a gestão e coordenação da escola.	Reunião para apresentar o projeto e sua finalidade.	1h.
24/08/22	Introdução acerca do tema. Leitura compartilhada das crônicas. A última crônica - Fernando Sabino. Quem sabe Deus está ouvindo - Rubem Braga. A abobrinha - Carlos Drummond de Andrade. "Chatear" e "encher" – Paulo Mendes Campos. Explicação das principais características do Gênero Crônica e direcionamento para a produção de uma crônica a partir das vivências dos alunos.	Apresentação do projeto aos alunos, para que eles possam compreender como será desenvolvido e qual o objetivo que queremos alcançar ao finalizar o projeto. Introdução ao tema da aula, leitura compartilhada de crônicas, aula expositiva-dialogada sobre as características do gênero.	1h e 30min.
25/08/22	Produção das Crônicas	Com a participação dos discentes os alunos irão iniciar a produção das crônicas.	1h e 30min.
26/08/22	Roda de Leitura das produções das crônicas.	Após o estudo acerca das características do gênero crônica, dos principais cronistas brasileiros	45min.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

ANEXOS

Anexo 1: Crônica produzida por uma aluna



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2022)

Anexo 2: Reescrita do conto "A Carteira", de Machado de Assis, por um aluno

(02/09/2022)

Alcides não é Belado

Gustavo estava andando com sua família
em direção, mercados para fazer algumas compras
até quando ele tropeçou e caiu não sabia se
não era fundo então sua carteira foi deslizando
pelo chão assim percebeu ele continuou a andar
sem para sua casa até como percebeu que sua
carteira não estava no seu bolso até como ele ficou
coisa não muito preocupado por não passar dificuldade.
Como viu um rapaz parado com a carteira de
Gustavo ele chegou então o rapaz lhe disse que era
sua carteira e Henrique estava se explicando
dizendo que tinha algumas dívidas que na verdade
era que ele queria sair para fora com um garoto
Amélia depois de tudo isso o Gustavo ainda agradeceu
o rapaz.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2022)

Anexo 3:

Reescrita do final do conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector, por uma aluna

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

Quando buxi-ingo fiquei em total silêncio. O menino ganhou da lá para o seu quarto, em quanto sua mãe me pediu desculpa, e me perguntou se eu queria o livro. Falei que sim. A mãe do menino era muito gentil e muito legal. Depois de alguns minutos de silêncio, o menino chegou na sala com o livro na mão, e me deu falando animado: pega se quiser tira com ele - disse ela murmurando baixo, indignadamente sua mãe quis mas estava ocupada lavando a louça, depois de alguns minutos resolveu embriar, a mãe do menino até pediu a eu espere para o lance de tarde, mas falei que tinha coisas pra resolver, e voltei alegremente para minha casa com o livro. - fim!!!

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2022)

Sobre os autores

Franklin Yago de Souza Hipolito

Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA.

Contato: franklinhipolito18@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8744-985X>

Daniela de Oliveira Almeida

Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

Contato: dani132452@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3695-081X>

Luanna Souza Caires Zambom

Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

Contato: luannasouzacaires@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1087-0891>

Nilsa Brito Ribeiro

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contato: nilsa@unifesspa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9213-1726>

Artigo recebido em: 31 de outubro de 2023.

Artigo aceito em: 19 de dezembro de 2023.